

A SEXUALIDADE EM FLUXO NOS TRAÇOS DE LAERTE: OS CAMINHOS NÃO-TRAÇADOS DA PERSONAGEM HUGO/MURIEL

Matilde de Lima Brilhante¹
Núbia dos Reis Pinto²

RESUMO

Este trabalho busca pensar o processo de transgeneridade vivido pela cartunista Laerte Coutinho a partir (e através) da transformação de seu personagem Hugo em Muriel. Nesse processo, consideramos fundamentalmente a concepção de Corpo Sem Órgãos na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Esta perspectiva compreende um conjunto de práticas que acionam as potências de que uma pessoa é capaz, promovendo, assim, uma desconstrução de si para, a partir de então, fabricar novas subjetividades, nunca prontas, pois estão em um constante devir. No campo teórico, interessa-nos dialogar com os conceitos de corpo, gênero e sexualidade, entendendo-os como categorias distintas, mas capazes de se conectarem e estabelecerem um arranjo inteligível. Trata-se de uma análise qualitativa do corpus documental, o qual é formado pelas tirinhas de Hugo e Muriel e as entrevistas que Laerte concedeu a terceiros e estão publicadas em sites diversos.

Palavras-chaves: Corpo Sem Órgãos; Sexualidade; Transgeneridade.

ABSTRACT

This essay aims to open a discussion about the process of transgeneriness lived by the cartoonist Laerte Coutinho, starting (and also through) from the changing of a character firstly named Hugo and then named Muriel. In this process, we deeply consider the conception of Body Without Organ in the perspective of Gilles Deleuze and Félix Guattari. This view gathers a set of practices that start off the potentialities a person is able to accomplish and promoting, therefore, a deconstruction of himself/herself in order to, from this phenomenon, produce new subjectivities, never finished, because they are constantly in ever-changing creation. In a theoretical field, we have concerns in discussing the concepts of body, gender and sexuality, understanding them as different categories, but able to connect themselves and establish an intelligible structure. This research is a qualitative analysis of documental corpus, which is formed by comic strips of Hugo and Muriel and interviews Laerte gave to third parties and are published in several websites.

Keywords: Body without organ; Sexuality; Transgeneriness.

¹ Graduação em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC/UECE). Mestrado em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: matildebrilhante83@gmail.com

² Mestra em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. E-mail: nubiarpinto@gmail.com
Data de submissão e aprovação: 15/02/2022

1. INTRODUÇÃO

*Eu sou uma mulher possível, sou o que eu queria ser.
Sou uma transição, sou isso, transgênera.*

COUTINHO, Laerte (2018)

“O que pode o corpo?” Esta questão nos lança a uma reflexão sobre a dimensão ético-política dos corpos, uma vez que as potências e os fluxos de energias que atravessam essa materialidade a qual chamamos *corpo* imprimem e exprimem valores e práticas constitutivas dos sujeitos. Entendemos essa compleição física como uma matéria dinâmica, que é fabricada, moldada, ajustada e/ou transformada de maneira intencional ou não. Ou ainda, pode ser pensado como um conjunto de válvulas, represas, comportas, taças ou vasos comunicantes (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

A presente pesquisa está inserida nesse trânsito entre as sexualidades, os gêneros e os corpos, ou melhor, a produção de “novas” experiências e experimentações a partir destes. Assim, buscamos discutir o processo de (des)construção do gênero e da sexualidade da artista Laerte Coutinho em seu movimento pela transgeneridade através [e com] as linhas traçadas por sua personagem Hugo/Muriel. Por conseguinte, podemos pensar também como a arte se tornou uma potência criadora no processo de autoconhecimento da artista. Dito em outras palavras, interessa-nos compreender o conceito-prática de Corpo sem Órgãos a partir da relação entre Laerte e sua obra/personagem alter-ego³.

Para tanto, procuramos compreender as aproximações entre ato criativo (as tirinhas de Hugo e Muriel) e sua criadora (Laerte), e, nessas linhas que se cruzam, percebemos a constituição de um corpo experimentado de práticas que se faz na dinâmica dos fluxos desejantes. Laerte, em diversas declarações, afirma que a transformação de seu personagem Hugo em Muriel acontece concomitante a uma descoberta bastante pessoal e íntima, pois, como ela mesma destaca: “quando eu virei a Laerte, ele (Hugo) também virou Muriel.”⁴ Esse quadro demonstra uma ligação emocional entre criadora e criatura. Não por acaso, quando a cartunista abandonou muitos de seus personagens, em 2005, manteve Hugo/Muriel, muito provavelmente por esse laço da experiência afetiva.

³ Termo da psicologia para designar um “outro eu”, uma espécie de segunda personalidade. Aqui, se refere, especialmente, a percepção de que a personagem Muriel assume ideias e comportamentos similares aos de Laerte, tornando-se, nesse caso, um “outro eu” de Laerte.

⁴ BRUM, Eliane; SILVA, Lygia Barbosa da. *Laerte-se*. Documentário. Português, 1h 41 min. Brasil, 2017.

Sabemos que muitos trabalhos já foram realizados sobre a cartunista em questão ou sobre seu personagem Hugo, transformado posteriormente em Muriel. Por isso, faz todo o sentido a pergunta: por que mais um trabalho sobre os mesmos objetos? Talvez, porque não estivéssemos perseguindo a realização de um trabalho sobre o que “nunca foi pensado antes”, mas, tão somente, em pensar os caminhos de uma pessoa construindo-se a partir, através e com sua arte. A pesquisa desenvolvida aqui se interessou por Laerte em seu trânsito entre a experiência de masculinidade e de feminilidade, bem como as questões em torno da sexualidade e do corpo que acompanharam esse movimento.

A produção de conhecimento deve contemplar as várias dimensões da vida humana, e nada mais vivo, mais humano, do que a construção de um “si mesmo”. Isto posto, consideramos os estudos sobre gêneros e sexualidades de fundamental importância para compreendermos quem somos nós. Afinal de contas, os estudos em Ciências Humanas buscam, em alguma medida, responder a esta pergunta.

De acordo com a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), em 2020 o número de assassinato contra travestis e mulheres trans bateu recorde, com 175 casos registrados. Além disso, só no primeiro semestre de 2021 o Brasil teve 89 pessoas trans mortas, sendo 80 assassinatos e nove suicídios. Vale registrar ainda 33 tentativas de assassinatos e 27 violações de Direitos Humanos (ANTRA; 2021). Esse estado de coisa é decorrente de uma sociedade que não discute minimamente o tema, não pensa políticas públicas para essa população, invisibiliza as pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais). Ou seja, existe no Brasil hoje uma parcela da população que vive sem poder exercer seus direitos mais básicos, dentre os quais, o de existir. Por isso, uma pequena contribuição (no campo do conhecimento) para essa questão pode ser fundamental para ajudar a romper a barreira do preconceito, da ignorância e do ódio.

No percurso desse trabalho, utilizamos entrevistas escritas ou em suporte audiovisual, bem como as tirinhas referentes a personagem Hugo/Muriel. Analisamos, ao mesmo tempo, as tirinhas e as entrevistas públicas concedidas por Laerte, procurando compreender como essas linhas que atravessam a criação-vida da artista operaram na construção da Laerte *mulher trans*.

As principais fontes de pesquisa foram: o livro-coletânea das tirinhas do personagem Hugo; as entrevistas de Laerte cedidas em programas e sites diversos; as páginas (*facebook e blogs*) destinadas a divulgar as tirinhas da personagem Muriel. Primeiramente, coletamos as

tirinhas de Muriel (*Internet*) e separamos as que faziam referência mais claramente às questões de gênero e sexualidade; em seguida, começamos a ler o livro *Hugo para principiantes* marcando os temas mais recorrentes; ao iniciarmos leitura e descrição desse material, sentimos a necessidade de ler mais sobre a autora. Então, começamos uma pesquisa na internet para coletarmos as entrevistas públicas dela, principalmente no *Youtube*, mas também em sites de *revistas e blogs*. Nessas entrevistas, nosso interesse não era encontrar a verdade sobre Laerte, mas compreendermos os significados e sentidos que as coisas tinham para ela. Fazer a análise das tiras concomitante à análise das entrevistas, facilitou a compreensão de questões que não estavam tão claras antes.

Esta pesquisa documental buscou uma análise qualitativa do material coletado/selecionado. Portanto, propusemos não somente uma descrição, mas principalmente, uma análise crítico-reflexiva desses dados. As fontes escritas foram as entrevistas que Laerte concedeu em sites diversos e as fontes audiovisuais foram os filmes e entrevistas (*Netflix/Youtube*) com a presença da cartunista. Tentamos encontrar nas análises destes documentos, marcas de subjetividades da artista em seu processo de transgeneridade. Ao analisarmos as entrevistas, nos interessamos, sobretudo, por entendermos os significados dados às situações e palavras de Laerte. Para a análise das tirinhas, levamos em consideração a especificidade da linguagem dos quadrinhos, fazendo análises de aspectos como: cores, formas, diálogos e expressões estéticas. Pois, como destaca Paulo Ramos (2020), ler quadrinho é ler sua linguagem, tanto em seu aspecto verbal quanto visual (não verbal).

A temática atrelada ao humor é uma das principais características do gênero tira cômica. Mas há outras: trata-se de um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final. (RAMOS, 2020, p. 24)

As Histórias em Quadrinhos (HQ), bem como as tiras, são construídas por uma linguagem múltipla que envolve vários aspectos na produção de sentido. E, buscamos captar essa produção de sentido e relacioná-la com a vida da cartunista Laerte. Embora as tiras sejam compostas por um texto curto, elas podem (e é o caso da que analisamos nesta pesquisa) apresentar uma história bastante densa e complexa, uma vez que compõem uma história narrada em partes. Eisner (1989), considera que o modo como o/a artista “vê” a vida e os objetos com os quais têm de lidar constitui o núcleo da técnica empregada.

Algumas questões que aparecerão no interior desse trabalho serão fundamentais para a compreensão do objeto a ser pesquisado, a saber, como a personagem Muriel funcionou no processo de transgeneridade de Laerte Coutinho? Como se deu a negociação de Laerte com o

corpo e a sexualidade nesse movimento pela transgeneridade? Como foi desconstruir um corpo para construir “um outro”, libertado(r) e feliz? Como os fluxos desejantes impulsionaram o desejo de produção de uma nova materialidade física?

Como criar para si um Corpo Sem Órgãos? Esta é a pergunta-título de um texto de Deleuze e Guattari que trata da prática de um “fazer-se constante”, de uma “busca de si mesmo”, em que o resultado almejado é a libertação (também de si mesmo) e a promoção da felicidade. Nesse sentido, a questão norteadora dessa pesquisa é: como Laerte [vivendo, até então, uma experiência na masculinidade] passa a fabricar em si potências que fabricam “novas” expressões e novos afetos com o mundo?

As pessoas estão o tempo todo tornando-se uma “outra”, na medida em que estão se fazendo e refazendo de acordo com os desejos, os sentimentos, as necessidades. A filosofia nos apresenta uma série de conceitos que visam compreender esse processo. Aqui, nos interessa, particularmente, a concepção de *Corpo sem Órgãos* de Deleuze e Guattari. Sobre este conceito, eles destacam:

De todo modo você tem um (ou vários), não porque ele preexistia ou seja dado inteiramente feito, mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não começou. Não é tranquilizador, porque você pode falhar. Ou às vezes aterrador, conduzindo-o à morte. Ele não é desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 9).

Nessa passagem, os autores expressam como compreendem esse “devir” humano, e destacam que esse movimento não é seguro, uma vez que você pode se desvirtuar no caminho; você nunca sabe qual será o resultado, pois a ele nunca se chega definitivamente. O Corpo Sem Órgãos é um processo, no qual o indivíduo se desorganiza a partir do momento em que se percebe produzido por identidades já estabelecidas, monótonas e não mais criadoras de potência. Através dessa percepção, esse indivíduo busca se reorganizar, aumentando sua potência e criando um “eu” dinâmico, desejante, vibrante.

O que Laerte faz em seu movimento de transgeneridade, é construir para si um Corpo Sem Órgãos pleno e, nesse caso, seu desenho faz parte desse constructo. Isso significa que através da criação de Muriel, a cartunista cria uma existência para além das possibilidades de seu próprio corpo.

2. AUTOR-PERSONAGEM: PERCURSOS E FRONTEIRAS

Embora conhecida como cartunista, Laerte Coutinho (1951) é também ilustradora, chargista, roteirista e apresentadora. Ingressou nos cursos de música e jornalismo na Universidade de São Paulo (USP), mas não concluiu nenhum dos dois. Seu engajamento político se tornou perceptível em 1974 ao vencer o 1º Salão de Humor de Piracicaba com um cartum crítico à ditadura militar. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e participou da campanha eleitoral do Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Na década de 1980, formou uma parceria de sucesso com outros dois cartunistas, Angeli (1956) e Glauco (1957-2010) e juntos desenvolveram a série *Los Três Amigos*. Participou das revistas *Chiclete com Banana* e *Circo*, colaborou em periódicos como *O Pasquim*, *Revista Ovelha Negra*, *Placar* e *Correio Braziliense*. Na década de 1990, atuou como roteirista em programas como *TV Pirata*, *TV Colosso* e *Sai de Baixo*. Foi também apresentadora do programa *Transando com Laerte* no Canal Brasil.

A renomada artista, criou personagens diversos, como os Piratas do Tietê, Overman, Deus, Lola e Hugo/Muriel. Para esta pesquisa nos interessa, particularmente, os personagens Hugo Baracchini e Muriel (que são as mesmas pessoas, mas com expressões de gênero diferentes). A história de Hugo foi originalmente inserida no caderno de Informática *da Folha de São Paulo*, no início dos anos 1990, porém, em 2005 as tirinhas foram publicadas em formato de livro.⁵

As histórias que se desenvolvem em torno de Hugo têm como cena o cotidiano e as relações pessoais. Em algumas situações, Hugo aparece travestido de mulher, mas, de início, não estava ainda questionando sua identidade, eram situações inusitadas e, por vezes, engraçadas, geralmente para afastar-se de uma situação problemática, por exemplo, fugir da máfia. Porém, mais tarde, em 2004, Hugo assume uma identidade feminina e passa a ser Muriel, colocando em discussão as questões de gênero e sexualidade.

Entre tantas premiações e reconhecimento nacional, Laerte recebeu o Troféu Juca Pato de intelectual do ano em 2021. A premiação leva em consideração não só a produção de conhecimento, mas também a defesa de valores democráticos. Ela tem atuado nas questões que envolvem a transgeneridade, sendo, inclusive, uma das criadoras da Associação Brasileira de Transgêneros (ABRAT). Para ela,

a militância veio naturalmente, já que nunca deixei de ser ativista, com mais ou menos ardor e clareza. Nesta parte da minha vida, está se dando uma sintonia muito

⁵ COUTINHO, Laerte. Hugo para iniciantes. São Paulo: Devir, 2005.

gratificante entre a vontade de participar de mudanças sociais e a vivência de transformações pessoais e íntimas. (COUTINHO, 2021)

Com isso, podemos destacar que o uso do desenho como forma de atuação política não surgiu, em Laerte, apenas com seu processo de transgeneridade, essa característica já podia ser observada em seus desenhos desde a década de 1970, o que tem de singular, a partir de então, é o fato de que sua militância se tornou pessoal e política ao mesmo tempo.

Em 2010, Laerte revelou publicamente que estava rompendo a fronteira do masculino e experimentando o “país feminino”. Mas, vale destacar que esse processo começa, de fato, em 2004, quando começa a ser externado de forma mais destacada em seus desenhos (mais especificamente, através do personagem Hugo). Porém, em 2005, sofre uma tragédia familiar⁶ e passa por uma crise pessoal e de processo criativo. Em 2009, começa a frequentar o Brazilian Crossdresser Club⁷ e usar o nome Sônia Cateruni. Com o tempo, Laerte passou a se compreender como travesti e depois como uma pessoa transgênero. A partir de então, passa a falar abertamente sobre temas, como: gênero, sexualidade e transgeneridade. Também tem se posicionado politicamente em defesa dos direitos LGBTQIA+.

Ela considera que seu lugar de artista conhecida lhe garantiu alguma liberdade em assumir essa identidade de gênero, reconhecendo, entretanto, que para a maioria das pessoas o processo é muito mais conflituoso. Para ela, a primeira etapa desse processo foi aceitar seu desejo sexual por homens, algo que em suas palavras “foi muito custoso” e o entendimento de que não fazia mais sentido para si uma experiência no masculino, resolveu viver sua transgeneridade de maneira plena.

Como a artista mesma destaca, em várias entrevistas publicadas, seu desenho faz parte de um processo pessoal de autoconhecimento. Aqui, não se trata da arte imitando a vida ou o seu contrário, ambas são traçadas ao mesmo tempo em um movimento contínuo na produção de um corpo pleno, atravessado de intensidades, potências e desejos. A própria cartunista considera essa correlação vida-obra como legítima, quando assevera que “a Muriel que já foi Hugo é meu personagem alter-ego, foi ela que abriu as portas pra que eu mesma fizesse meu movimento.”⁸ Explicando melhor, ela destaca:

⁶ Diogo, um de seus três filhos, morreu em um acidente de carro.

⁷ Clube, surgido em 1997, reúne homens que usam roupas e acessórios do chamado universo feminino, mas não assumem ou se identificam com o gênero feminino. Para Laerte, a palavra crossdresser tem uma conotação classista e preconceituosa em relação às travestis.

⁸ Laerte Coutinho e a luta LGBT. Disponível em: < <https://www.guiadasemana.com.br/famosos/noticia/laerte-coutinho-e-a-luta-lgbt> > Acesso em: 23/10/2021.

Comecei a transgeneridade com uma tirinha. Aí uma pessoa que leu disse “olha, isso aí a gente faz e está meio evidente que você gostaria de fazer também”. Eu não tinha percebido isso, que tinha me colocado de um jeito diferente ali. E isso foi um detonador, foi um momento que eu mudei e passei a compreender que não era só o recurso de uma historinha, era algo pessoal.⁹

Não é que a tirinha em questão tenha despertado um desejo em Laerte para uma experiência no feminino. A leitura que fazemos é que os desenhos de Hugo (em suas experiências de se travestir) e Muriel funcionavam como canalizadores de intenções pessoais de sua criadora. Intenções essas ainda não tão claras, pois não eram compreendidas e nem admitidas. A tira em questão é esta:



Fig. 1. Fonte: <https://www.facebook.com/105426406276818/photos/a.105893436230115/108832695936189/>

Nesta tira, Hugo aparece se depilando, colocando uma peruca e um vestido, sai na rua e diz: *às vezes, um cara tem que se montar, ué!* Aqui, Hugo não está adotando uma linguagem de expressão feminina para fugir ou enganar alguém, simplesmente se apresenta assim e sai, demonstrando, portanto, um desejo de experimentar-se nesse universo tido como feminino. Não é a mesma lógica das tirinhas anteriores de Hugo, há uma atitude deliberada em se expressar assim, o que pode ser comprovada pela expressão de satisfação aparente no último quadro. Ou seja, o personagem não só quis se montar, mas ao fazê-lo se sentiu confortável e feliz.

Essa foi a tira através da qual eu me descobri. [...] Eu sempre quis frequentar a transgeneridade, ser mulher, me vestir de mulher, representar mulher, só que eu não admitia isso, então, meus personagens faziam isso. Aí depois que eu fiz essa tira, uma amiga minha, hoje amiga minha, a Paula, me mandou um e-mail perguntando: escuta, será que isso não é um desejo seu? Será que não corresponde a uma coisa que você realmente quer? Se você quiser, nós temos um grupo de pessoas que se reúne, semana sim, semana não, fazemos isso, é superlegal. Se quiser, apareça.¹⁰

Vale destacar que essa entrevista foi concedida em 2014, quando essas questões já apareciam mais claras para a artista. No início do processo, as coisas não estavam tão bem

⁹ Entrevista disponível em: < <https://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/comecei-a-transgeneridade-com-uma-tirinha-revela-laerte-em-documentario-da-netflix/> > Acesso em: 24/10/2021.

¹⁰ Entrevista concedida a Otávio Mesquita, no programa Okay Pessoal, em 12/11/14.

definidas assim e, por isso, os desenhos, nesse momento específico, eram um recurso de expressão de desejos incompreendidos e até refutados. Podemos afirmar, portanto, que Laerte ao criar a personagem Muriel também estava sendo criada por esta, ou ainda podemos dizer que ela produziu algo para produzir um “si mesma”. É nítido que as experiências de Hugo e Muriel são, em certa medida, extensões de sentimentos e modos de expressões da própria autora. Para Laerte, o primeiro impacto da mudança de um mundo masculino para um mundo feminino foi o momento em que se depilou. Não por acaso, há, na tirinha acima, uma referência a esse momento. De acordo com ela, quando se depilou completamente pela primeira vez foi sua primeira epifania, “Eu tirei uma roupa, foi como se eu tivesse me vendo realmente”.

É perceptível como se conectam e se confundem as dimensões vida e arte. A depilação se tornou um momento de atravessamento de fronteiras e a experimentação dessa potência é uma possibilidade de expressão de si, mas é também a compreensão de que o corpo não é algo pronto e acabado, mas algo plástico, mutável, explorando intensidades. Desconstruir-se é desfazer-se de uma composição que lhe foi preconizada, porém, não mais se adequa a seus afetos, desejos e intencionalidades. Isso é o que impulsiona o construir-se novamente.

2.1 GÊNERO E SEXUALIDADE EM LINHAS DE FUGA.

Quando Hugo torna-se Muriel (2004) as histórias desenvolvidas nas tirinhas da personagem passam a dialogar frequentemente com as questões que envolvem a população transgênero, transsexual e travesti. Um dado que nos revela uma nítida preocupação de Laerte em levar esse debate para o espaço público, uma vez que a linguagem gráfica tem essa capacidade de estabelecer uma comunicação impactada pelas emoções.

A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua imagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes. (EISNER, 1995, p.13)

Em alguma medida, a narrativa gráfica precisa compartilhar códigos de valores e/ou comportamentais com seus leitores, é necessário que a comunicação se torne inteligível. Nesse contexto, Laerte capta na sociedade as discussões pertinentes às pessoas trans e conta uma história que questiona os modelos de gênero e sexualidade que estão postos. Nesse ponto percebemos que o engajamento, através da arte, também faz parte do que estamos chamando de produção de um Corpo Sem Órgãos. Como Deleuze e Guattari propõem, não se trata de um conceito simplesmente, mas de uma maneira de “fazer-se”, buscando um viver mais

livremente, de uma forma que possa explorar suas potências. Esse “fazer-se” busca construir uma singularidade, portanto, ninguém pode criar para si um Corpo Sem Órgãos seguindo receitas prontas, é uma descoberta individualizada.

Eu não gosto muito de ficar buscando me encaixar nessas definições todas porque elas necessariamente não entendem a individualidade e eu tenho cada vez mais compreendido a expressão gênero como uma coisa pessoal, é tão pessoal quanto a impressão digital, quanto o desenho.¹¹

Essa compreensão de gênero como uma possibilidade pessoal discute a dualidade masculino/feminino. O que torna alguém apto a ser classificado dentro do gênero masculino ou feminino? Para Judith Butler (2013), o conceito de gênero também não superou o pensamento binário. Dizer que o sexo é biológico ou natural e o gênero cultural e socialmente construído não dá conta da complexidade que é a realidade e continua uma explicação pautada em estruturas binárias.

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que constrói o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (BUTLER, 2003, p. 26)

Quando Laerte se constrói a partir de expressões localizadas socialmente como sendo “o feminino”, ela começa a atravessar fronteiras já muito consolidadas. Ao reivindicar o direito legítimo de se dizer mulher, ela está questionando as construções discursivas de gênero. Essa postura questionadora também se apresenta nas suas tirinhas.



Fig. 2. Fonte: <https://www.facebook.com/105426406276818/photos/a.105893436230115/131499810336144/>

Na tirinha em destaque (Fig.2), há uma discussão sobre o “ser mulher de verdade”. Situação recorrente na vida das pessoas trans. No entanto, há um ar de ironia no último quadrinho, como se a dúvida servisse para pôr em xeque a própria afirmação do primeiro quadrinho. É como se ela perguntasse: o que é ser mulher de verdade? E, de fato, é uma

¹¹ CANDEIA. Dois P – Sexualidade – Laerte Coutinho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Al-GDITv-Z4>>. Acesso em: janeiro de 2022.

abstração que não dá conta da realidade. Essa essencialização do ser é tão problemática quanto excludente e opressora.

Quando eu comecei a fazer essa passagem, eu sabia que eu não ia virar uma mulher, no sentido de mudar minha genitália e nascer de novo, né? Essa ideia de nascer de novo não me passou pela cabeça nunca, então, o que me passou foi uma alegria muito grande de poder exercer essa liberdade, de poder trazer pra mim uma possibilidade de fazer essa viagem e ampliar minha fronteira a tal ponto que eu não preciso mais ir lá no país dos outros.¹²

Laerte fala frequentemente em ser uma “mulher possível”, ou seja, ser uma mulher segundo suas próprias possibilidades e seu “fazer-se”. Essa fronteira imposta pelo gênero também promove uma série de interditos e violências. Muriel, dentre muitas questões, fala dos preconceitos, como na tirinha a seguir.



Fig. 3. Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/oa-laerte/>

A situação apresentada na imagem (Fig. 3) faz parte de um conjunto de violências praticadas contra as pessoas que não se enquadram nos modelos socialmente consolidados. Assim, as histórias figuradas por Hugo/Muriel dizem muito do contexto militante da autora. A palavra *bichona* destacada em vermelho sugere a violência (e muitas vezes, a morte) que pode surgir em qualquer esquina. Ainda assim, há aqueles que culpam a vítima, como consta no último quadro.

A sexualidade é outra questão que faz parte do repertório de referências para as histórias contadas nas tirinhas de Laerte. Também aqui a postura é de questionar, de atravessar as fronteiras postas. As sexualidades, assim como os gêneros, são construções discursivas/performativas pelas quais perpassam relações de saber e de poder, portanto, confrontá-las é contestar o poder que detém o saber sobre a sexualidade. A tirinha a seguir cria uma situação confusa ao sugerir a quebra de uma suposta regra das práticas que envolvem a sexualidade.

¹² Depoimento de Laerte para o documentário LAERTE-SE, 2017.



Fig. 4. Fonte: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/oa-laerte/>

As sexualidades não são determinações fixas e permanentes, tão pouco comportam obrigatoriamente uma relação com o gênero. São possibilidades inventivas de si.

Qual o verdadeiro sexo? Qual o comportamento correto no exercício da sexualidade? O que é gênero? O que é ser normal? Estas, dentre outras, são indagações presentes nas narrativas gráficas de Hugo/Muriel. Mas o que há em comum entre elas é a defesa da liberdade de ser e de viver de acordo com seus desejos, afetos e potências.



Fig. 5. Fonte: <https://www.facebook.com/337932396301569/photos/a.337956486299160/1509127709182026/>

Laerte, nessa tira, elabora uma crítica à ideia de normal/anormal tão disseminada nos discursos de naturalização do gênero e da sexualidade. Quando Muriel aparece como alienígenas para suas amigas e diz: “Já nos descobriram, pessoal” provoca uma quebra de expectativa no leitor. Nos dois primeiros quadros, a cartunista nos leva a imaginar que a concepção de normal/anormal está atrelada à expressão de gênero, porém, no terceiro quadro, Muriel faz uma leitura do anormal associando-o à dicotomia humano versus alienígena. Aqui, a cartunista explicita como a transfobia funciona como uma tentativa desumanização dessas pessoas, mas através do humor, a autora ironiza o preconceito que constata na sociedade.

Existir e ser reconhecido(a) em sua dignidade humana é um direito de todos/as, porém, essa garantia não alcança uma grande parte da população. Os Direitos Humanos surgem na tentativa de promover a liberdade e a igualdade, independente da raça, sexo, nacionalidade, etnia, idioma, religião, classe ou qualquer outra condição.

Os direitos humanos só puderam florescer quando as pessoas aprenderam a pensar nos outros como seus iguais, como seus semelhantes em algum modo fundamental. Aprenderam essa igualdade, ao menos em parte, experimentando a identificação

com personagens comuns que pareciam dramaticamente presentes e familiares, mesmo que em última análise fictícios (HUNT, 2009, p. 58)

Para Lynn Hunt, só foi possível o surgimento dos Direitos Humanos a partir do momento em que se criou um ambiente social favorável ao sentimento da empatia. Esse sentimento floresceu, em alguma medida, a partir das obras de ficção. Hugo e Muriel também podem ser esse elo entre as pessoas e os afetos positivos, pois comunicam, através da ficção, situações que, de fato, acontecem no cotidiano das pessoas LGBTQIA+.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito em discutir o (des)fazer-se, em Laerte, como construção de uma subjetividade mais livre e plena nos permitiu trilhar um caminho de conexões muito intensas, tais como: vida e arte, afetos e lutas, personagem e desejos, corpo e sexualidade, desejo e potência, gênero e política, dentre muitas outras possibilidades de acoplamentos. O contato com nosso objeto de estudo nos possibilitou compreender a transgeneridade como um movimento contínuo. Movimento este que se caracteriza pela necessidade e capacidade de produção. Nesse caso, possibilitou Laerte criar para si um Corpo sem Órgãos pleno, ou seja, ela se desorganizou para experimentar potências favoráveis a atualização de seu próprio “eu”.

Foi possível observar que sua criação artística, isto é, sua personagem Hugo/Muriel, foi um ponto de partida, mas também um meio e um fim para mobilizar interesses para além dos aspectos artísticos. Nos traços da cartunista, a sexualidade é um fluxo que move práticas de liberdade e Muriel é, de fato, essa materialização da potência criadora do desejo. Mas qual o papel dessa personagem nas experimentações (em produzir uma subjetividade feminina) vivenciadas por sua autora/criadora? Consideramos que foi, num primeiro momento, o de imprimir e exprimir as tensões e os desejos da cartunista, mas depois se tornou uma via material de práticas de si, assim, personagem e autora se associam de maneira a promover autoconhecimento e liberdade.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em seu artigo 3º, todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. No entanto, o Brasil continua a ser o país que mais mata pessoas trans no mundo, revelando, assim, que o país não assegura o direito mais básico dessa população, a saber, o direito de existir. Mas também não consegue assegurar outros direitos, como educação, saúde, cidadania, segurança, moradia e trabalho. Por isso, a militância de Laerte Coutinho (através arte ou de outros campos) em prol dos direitos das pessoas LGBTQIA+ é de fundamental importância na construção de uma cidadania plena.

4. FONTES DE PESQUISA

ABUJAMRA, Antônio. *Entrevista o cartunista Laerte Coutinho*. TV Cultura, Provocações, Programa 505, 01/03/2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nISDqmJ3thE>. Acesso em dezembro de 2021.

CANDEIA. Dois P – Sexualidade – Laerte Coutinho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Al-GDITv-Z4>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

COUTINHO, Laerte. *Hugo para iniciantes*. São Paulo: Devir, 2005.

DE GRAVATA E UNHA VERMELHA. Direção: Dudu Bertholini; Roteiro: Miriam Chnaidermam. [S. l.]: Imovision, 2014. (86 min).

Depósito de Tirinhas. Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/36060746883/muriel-total-por> Acesso em nov. 2021.

FERREIRA, Claudiney. Jogo de Ideias. Laerte – Série HQ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aqBx5hQbN8s>. Acesso em janeiro de 2022.

GABRIELA, Marília. Entrevista com Laerte. SBT, De Frente com Gabi, parte I. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=AO75cWZlgqc> Acesso em dez. 2021.

_____. Entrevista com Laerte. SBT, De Frente com Gabi, parte II. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rvWmGgimiP8> Acesso em dez. 2021.

Laerte Coutinho e a luta LGBT. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/famosos/noticia/laerte-coutinho-e-a-luta-lgbt> Acesso em: 23/10/2021.

LAERTE. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24989/laerte>. Acesso em: 12 de janeiro de 2022. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

LAERTE-SE. Direção de Eliane Brum e Lygia Barbosa da Silva. Brasil: Netflix, 2017 (101 min).

MESQUITA, Otávio. Okay Pessoal. Otávio Mesquita conversa com Laerte. YouTube. 12/11/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6sFH9l9U3ik> Acesso em jan. 2022.

Muriel Total. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Muriel-Total-105426406276818> Acesso em nov. 2021.

NEVES, Bia. Laerte: “Eu não me considerava mais alguém dentro da linguagem masculina.” Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2021-09-03/laerte-coutinho-livro-cartunista-transgenero.html> Acesso em jan. 2022.

RODA VIVA. Laerte. TV Cultura, 02/12/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA>> Acesso em nov. 2021.

SILVA, Fernando de Barros e. *Laerte em Trânsito: como vive, o que pensa e com quem anda o cartunista que decidiu ser mulher em caráter experimental*. In: Revista Piauí. Edição 79, abril, 2013.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

CASTEL, Pierre-Henri. *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia “fenômeno transexual”* (1910-1995). Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77- 111. 2001

Charges políticas e transformação: conheça a esplêndida carreira de Laerte Coutinho. In: *Aventuras na História*. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/charges-politicas-e-transformacao-conheca-a-esplendida-carreira-da-cartunista-laerte-coutinho.phtml>> Acesso em: 23/10/2021.

Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: jan. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.3. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DIAS, Diego Madi. *Brincar de gênero, uma conversa com Berenice Bento*. *Cadernos Pagu* [online]. 2014, n. 43 [Acessado 5 janeiro 2022], pp. 475-497. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430475>>. ISSN 0104-8333. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430475>.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Narrativas gráficas*. São Paulo: Devir, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998

_____. *Ditos e escritos*, vol IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Tradução Abner Chiquiere. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HARAWAY, Donna J. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: TADEU, T (org) *Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2009.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. (2010). Pessoas Transexuais Como Reconstructoras de Suas Identidades: reflexões sobre o direito ao gênero. Em *Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social: diálogos interdisciplinares* (p.80-89). Brasília, DF: Universidade de Brasília.

_____. Orientações sobre a população transgênero : conceitos e termo. [Online]. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012a. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em 20 fev. 2022.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento, In: *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1994.

LOURO, Guacira Lopes(org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. – 4ª ed.; 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Paris, 10 Dez. 1948.

RAMOS, Pablo. *A leitura dos quadrinhos*. 2. Ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Claudia; FERNANDES, Víviam. *Laerte: vida e obra*. Mogi das Cruzes, SP: 2012.

TOMAZ, Tadeu (org). *Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.